

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal do Brasil*

Class.: *Panará 36*

Data: *30.05.72*

Pg.: *7*

Índios kreen-akores levam brindes e deixam presentes

Brasília (Sucursal) — Em demonstração de que pretendem manter relações pacíficas com os homens brancos, índios kreen-akores aproximaram-se anteontem de madrugada do acampamento da expedição de atração da Funai e deixaram um punhado de presentes pendurados nas árvores, levando em troca os brindes oferecidos pelos sertanistas.

Os índios, que vivem em território que será em breve cortado pela rodovia federal Cuiabá-Santarém, vieram até perto do acampamento acompanhados de crianças, em mais um sinal de que a sua missão era de paz. As informações sobre a troca de presentes foi enviada da selva pelo chefe da expedição, sertanista Cláudio Vilas Boas.

ENCONTRO CASUAL

Ontem, o gabinete do presidente da Funai, General Bandeira de Melo, informou que foi "casual e imprevisto" o encontro ocorrido na última quinta-feira entre um grupo kreen-akore e trabalhadores de uma frente de topografia do 9º Batalhão de Engenharia e Construção do Exército, que está abrindo a Cuiabá-Santarém.

No encontro, um civil foi ferido na perna. Segundo a informação oficial, os índios estavam caçando. Eram 15. Os trabalhadores fugiram "apavorados, largando no mato seus instrumentos de trabalho, quando se encontraram com os kreen-akore."

O civil flechado já foi operado, no hospital Santa Helena, em Cuiabá, e está passando bem. A flecha que o atingiu na perna foi retirada e examinada por sertanista da Funai. Constararam que é uma flecha para uso exclusivo em caçada, "não tendo havido, portanto, intenção dos índios em atacar a frente de topografia do 9º BEC."

OS KRENN-AKORES

Foram os kreen-akores que mataram, em meados de 61, o cientista inglês Richard Mason. Ele fazia parte de uma expedição da National Geography Magazin no rio Iriri. Até hoje, o Iriri é considerado o maior rio do mundo ainda desconhecido. Pouco se sabe sobre seus formadores, percurso e sobre a fauna e flora da região. Quando chegaram ao Brasil, os cientis-

tas indagaram sobre a existência de índios na região — serra do Cachimbo — e foram informados de que não havia, apesar de alguns sertanistas terem sido informados pelos txucarramae da existência dos "índios gigantes."

A expedição acampou às margens de um rio, pensando que era o Iriri — mais tarde, verificou-se que não era. Recebia periodicamente suprimentos atirados de aviões da FAB. De repente, o abastecimento é suspenso. Richard Mason, acompanhado de um mateiro, resolveu ir até a base de Cachimbo para saber o que estava ocorrendo. Foram informados de que o Presidente Janio Quadros renunciara. A situação político-militar ainda não estava tranquila e, por isso, todos os vôos de aviões militares estavam suspensos.

Depois de juntar alguma comida na própria base e de receber a promessa de que logo o abastecimento ia ser regularizado, o cientista partiu sem o mateiro, que resolvera desistir do seu trabalho junto à expedição.

A MORTE DE MASON

Sozinho pela selva e certo de que por ali não havia índios, Richard Mason foi atacado por um grupo kreen-akore. Foi encontrado flechado a 10 quilômetros do acampamento da expedição. Uma equipe do Parasar, com a ajuda do sertanista Hidmar Kluck, resgatou o corpo do geógrafo (tinha 24 anos) e índios caiapós reconheceram como kreen-akores as flechas e bordunas encontradas sobre o corpo.

Seis anos depois, uma equipe formada por 40 militares da Academia Militar das Agulhas Negras e do Para-SAR resolveram realizar o levantamento que a expedição estrangeira não conseguira, além de treinar "sobrevivência na selva."

Foram e voltaram pela mesma trilha da expedição inglesa. Quando voltavam, depois de um mês na selva, os mateiros constantemente alertavam os militares de que havia índios à espreita. A medida que se dirigia para Cachimbo, a expedição militar ia deixando brindes: facões, canivetes, machados e outros objetos.

Foi assim — conta um sertanista — que os kreen-akores percebendo a intenção pacífica dos

homens que se dirigiram para a base aérea, apareceram por lá poucas semanas depois. Bastou seguir a trilha aberta pelos brancos.

Os índios apareceram numa quinta-feira. Deixaram mulheres e crianças do outro lado do rio e se aproximaram cautelosamente do campo de pouso e das instalações do destacamento da base. Um C-47 da FAB estava chegando a Cachimbo. O comandante, percebendo movimento na pista, chamou a torre e perguntou se eram animais. Um cabo saiu do posto para ver o que era e viu índios. Ficou assustado, pegou uma carabina e deu um tiro de advertência para o ar. Os índios, no entanto, continuaram caminhando em sua direção. Apavorado, o militar correu para a estação e pediu ao piloto do C-47 que fizesse uns vôos rasantes.

Apavorados, os índios correram para o meio do mato. O Serviço de Proteção aos Índios providenciou então a formação de uma expedição para pacificá-los. Ela participou os sertanistas Francisco Meireles, Antônio Cotrim e Apoena Meireles. Um acampamento foi armado a 40 quilômetros de Cachimbo. Incurções foram feitas nas redondezas para descobrir vestígios dos índios gigantes. Em setembro, Chico Meireles voltou a Brasília, onde acabou sendo envolvido num inquérito aberto no SPI. Ficou preso quase dois meses, até que se provasse sua inocência.

Sem saber de nada, os outros expedicionários permaneceram no posto até novembro, mesmo sem comida e sem munição, apesar dos pedidos enviados a Brasília. Apesar da falta de recursos, a equipe conseguiu, com a ajuda de cinco índios gorotires, penetrar seis dias de caminhada adentro do território kreen-akore. Entraram numa aldeia abandonada, inclusive.

Esses sertanistas afirmam que essa informação de que os kreen-akores são gigantes é "só conversa" e nasce do costume de tribos rivais de, numa tentativa de se valorizar, realçar a bravura, a feitura e o tamanho do adversário. No caso, foram os txucarramae que exaltaram.

Segundo eles, a grafia correta do nome da tribo é kreen-akore e não kreen-akarore — que significa cabelo em forma de coroa.

Cláudio espera contato no máximo em 48 horas

Mário Chimanovitch

Enviado especial

Cuiabá e Base de Cachimbo — No máximo em 48 horas o sertanista Cláudio Vilas Boas espera manter um contato, amistoso ou não, com os índios kreen-akore, que no último dia 24 atacaram a flechadas o trabalhador Aureliano Bispo de Oliveira, do Serviço de Topografia e Nivelamento do 9º BEC.

Aureliano executava um serviço à margem direita do rio Peixoto de Azevedo, a cerca de seis quilômetros do acampamento da Funai. Apesar do ataque e da reação a tiros por parte do trabalhador, que se presume tenha ferido um dos índios, Cláudio Vilas Boas acredita que os silvícolas estão interessados em contatos pacíficos com os brancos.

A REAÇÃO

Anteontem os índios deixaram novos presentes junto ao tapiri armado, repetindo-se nas oferendas as enormes bordunas, flechas de mais de dois metros, cocares e outros utensílios, dispostos, segundo o sertanista, "numa inequívoca posição amistosa no local onde foi ferido o trabalhador."

Ainda convalescente dos ferimentos que recebeu no seu primeiro contato nada amistoso com os kreen-akore, o trabalhador Aureliano Bispo de Oliveira, de 37 anos, afirma que teve que usar sua arma, uma espingarda calibre 22, "para

não morrer." Ele foi ferido três vezes e assevera que os índios têm realmente mais de 1,80m de altura.

— Eu estava junto com dois companheiros na margem direita do rio Peixoto de Azevedo, a uns seis quilômetros do acampamento de Cláudio. Operávamos uma motoniveladora quando resolvi descer da máquina. Numa pequena curva, os índios, uns 10, estavam me esperando de emboscada. Saltaram sobre mim gritando. Olhavam raivosos, ao mesmo tempo que armavam seus arcos e disparavam compridas flechas contra mim.

FERIMENTO

Aureliano conta que não pretendia revidar, mas sim defender-se das flechas, "que choviam."

— Em dado momento tropecei e caí. Foi aí que duas das flechas me atingiram a coxa direita, penetrando pouco profundamente. Ainda caído consegui arrancá-las, e levantei-me para correr. Uma terceira flecha atingiu-me o tórax. Comecei a sentir dores horríveis e então resolvi reagir, senão morreria. Disparei três tiros seguidos. Depois voltei-me para eles e disparei com mais precisão. Acho que feri um.

Conta Aureliano que, apesar da correria, conseguiu olhar bem os selvagens.

— Realmente não se pode dizer que sejam gigantes, mas medem mais de 1,80m, são muito fortes e muito ágeis.

AMISTOSOS

Na base de Cachimbo, Orlando Vilas-Boas mantém contato permanente com seu irmão Cláudio, através de rádio. Ontem, em comunicação com Cuiabá, ele informava que Cláudio hoje já estaria realizando uma operação de reconhecimento no aldeamento kreen-akore.

— Apesar do incidente com o trabalhador, tudo leva a crer que os índios estão dispostos a um contato amistoso com nosso grupo. As bordunas e as flechas enfeitadas, deixadas junto ao local onde foi ferido Aureliano, são indícios que nos fazem pensar com segurança nessa primeira aproximação. Continuo achando que a reação de Aureliano ao revidar foi o absolutamente normal e que isso se poderia esperar de uma pessoa despreparada para lidar com indígenas ainda arredios.

No acampamento de Cláudio Vilas-Boas, o clima é de absoluta tranquilidade, reinando grande expectativa para o que poderá ocorrer hoje ou amanhã. O sertanista e demais membros da expedição creem que será bem possível que alguns guerreiros estejam à espera do grupo, junto ao aldeamento mais próximo.